

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Desafios e Soluções da Sociologia 2



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Desafios e Soluções da Sociologia 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D441	Desafios e soluções da sociologia 2 [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Desafios e soluções da sociologia; v. 2) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-7247-426-9 DOI 10.22533/at.ed.269192506 1. Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Desafios e Soluções da Sociologia” foi dividido em dois volumes, totalizando 42 artigos de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. O objetivo da organização deste livro foi o de reunir pesquisas voltadas aos desafios atuais da Sociologia, assim como apresentar possíveis soluções para estes desafios.

No Volume 2, os artigos foram agrupados em torno de duas partes denominadas “Soluções da Sociologia”. Na Parte 1, são 13 artigos e as temáticas giram em torno da economia criativa, cidadania, meio ambiente, educação, tecnologia e literatura. E na Parte 2, os 9 artigos discutem temas como autoajuda, quilombo, identidade cultural e valorização profissional.

No Volume 1 as duas partes foram denominadas “Desafios da Sociologia”. Na Parte 1, são 11 artigos que discutem questões como a representação feminina e masculina, política LGBT, assédio moral e violência familiar. E na Parte 2, são 9 artigos que apresentam desafios à Sociologia por meio de discussões de temas como abuso sexual, masculinidades e racismo.

Entregamos ao leitor o Volume 2 do livro “Desafios e Soluções da Sociologia”, e a intenção é divulgar o conhecimento científico e cooperar com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CRIATIVIDADE E SVAZIADA: A ECONOMIA CRIATIVA DE ACORDO OS MINISTROS DA CULTURA DEPOIS DO TÉRMINO DA SEC	
Diego Santos Vieira de Jesus	
DOI 10.22533/at.ed.2691925061	
CAPÍTULO 2	15
ABORDAGEM FITOQUÍMICA E FARMACOLÓGICA DAS FOLHAS <i>Terminalia catappa</i> Linn (Combretaceae)	
Maria da Costa Belina	
Mônica Regina Silva de Araújo	
Beatriz Dias	
Francisco Washington Araújo Barros Nepomuceno	
Aluísio Marques da Fonseca	
Ana Isabel Vitorino Maia	
DOI 10.22533/at.ed.2691925062	
CAPÍTULO 3	28
ASPECTOS SOCIOAMBIENTAIS DOS SISTEMAS DE DESSALINIZAÇÃO IMPLANTADOS NO MUNICÍPIO DE BARREIRA, CEARÁ, BRASIL	
Maria Dasdores Gonçalo Costa	
Olienaide Ribeiro de Oliveira Pinto	
Juan Carlos Alvarado Alcócer	
José Wertson Gonçalo Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.2691925063	
CAPÍTULO 4	45
CIDADANIA E PARTICIPAÇÃO POLÍTICA: O QUE OS LIVROS DIDÁTICOS DE SOCIOLOGIA FALAM SOBRE ISSO?	
Dayane Gomes da Silva Rodrigues	
Ninótica Rosa Vieira Andrade	
Marta da Silva Aguiar	
Ismael Ferreira do Nascimento	
João Vitorino dos Santos Gonçalo	
Isaiane Rozado Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.26919250634	
CAPÍTULO 5	58
CONJUNTO ARQUITETÔNICO DO LARGO E BECO DO BOTICÁRIO (RJ): UMA RUÍNA ESQUECIDA?	
Patrícia Martins de Sá	
Maria Amália S. A. Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.26919250635	
CAPÍTULO 6	73
ESTUDO QUANTITATIVO DOS IMPACTOS AMBIENTAIS DOS COMPLEXOS EÓLICOS SANTA MÔNICA E ROSA DOS VENTOS	
Guilherme Geremias Prata	
Rejane Félix Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.26919250636	

CAPÍTULO 7	86
FRONTEIRAS DE UMA SOCIEDADE DIGITAL	
Rosenilda Marques da Silva Felipe Antonio Idêrlían Pereira de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.26919250637	
CAPÍTULO 8	94
PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO NOS PROGRAMAS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONALIZANTE: O PRONATEC	
Rodrigo dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.26919250638	
CAPÍTULO 9	107
RAÍZES DO ESTADO DE BEM-ESTAR SOCIAL	
Marclin Felix Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.26919250639	
CAPÍTULO 10	120
SOLO E SOCIEDADE: CONHECIMENTO BÁSICO EM SOLOS NA MACRORREGIÃO DO MACIÇO DE BATURITÉ	
Murilo de Sousa Almeida Francisco Nildo da Silva Maria Brenna Mendes Cunha José Abel Aguiar Silva Paz Henderson Castelo Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.269192506310	
CAPÍTULO 11	126
SUPER HERÓIS, INFORMAÇÃO E MEMÓRIA NA ERA TRANSMIDIÁTICA: AS ADAPTAÇÕES DOS QUADRINHOS MARVEL PARA O CINEMA	
Robson Santos Costa	
DOI 10.22533/at.ed.269192506311	
CAPÍTULO 12	141
TECNOLOGIA, TRABALHO E TELETRABALHO NO PODER JUDICIÁRIO: DISCUSSÕES INICIAIS	
Maria Sara de Lima Dias Álaba Cristina Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.269192506312	
CAPÍTULO 13	151
TURISMO LITERÁRIO: RESGATE AOS LUGARES DE MEMÓRIA	
Nairon Gaia Coimbra Diana Priscila Sá Alberto	
DOI 10.22533/at.ed.269192506313	
CAPÍTULO 14	164
AUTOAJUDA E EXPERIÊNCIAS DE GERENCIAMENTO DAS EMOÇÕES: UMA ANÁLISE MULTIDIMENSIONAL	
Rossana Maria Marinho Albuquerque	
DOI 10.22533/at.ed.269192506314	

CAPÍTULO 15	180
COMIDAS MIGRANTES: ANÁLISES INICIAIS A PARTIR DA FEIRINHA DA JK EM FOZ DO IGUAÇU-PR	
Fátima Regina Cividini Paola Stefanutti Valdir Gregory	
DOI 10.22533/at.ed.269192506315	
CAPÍTULO 16	192
COMUNIDADE BARROSO (CAMAMU-BA) PÓS 2008 – A CERTIFICAÇÃO E A NOVA CONFIGURAÇÃO DE QUILOMBO	
Flavia Querino Da Silva Emily Alves Cruz Moy Ana Angélica Leal Barbosa	
DOI 10.22533/at.ed.269192506316	
CAPÍTULO 17	206
CONTORNOS DE UMA IDENTIDADE CULTURAL: O ARTESANATO COMO PATRIMÔNIO DO RIO GRANDE DO SUL	
Letícia de Cássia Costa de Oliveira Ana Maria Dalla Zen	
DOI 10.22533/at.ed.269192506317	
CAPÍTULO 18	219
MEMÓRIAS E NARRATIVAS DAS BANDAS FILARMÔNICAS PORTUGUESAS DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO - COMPREENDENDO A REALIDADE ATUAL	
Antonio Henrique Seixas de Oliveira Diana de Souza Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.269192506318	
CAPÍTULO 19	236
OFICINA DE FOTOGRAFIAS E PESQUISA-AÇÃO: CONSTRUINDO FORMAS DE ACESSO A JUVENTUDE DO BARRO GUAJUVIRAS	
Luciane Marques Raupp	
DOI 10.22533/at.ed.269192506319	
CAPÍTULO 20	251
QUEM TEM FOME TEM PRESSA! BANCO DE ALIMENTOS, DIGNIDADE PARA O INDIVÍDUO	
Tauã Lima Verdan Rangel	
DOI 10.22533/at.ed.269192506320	
CAPÍTULO 21	264
SOCIABILIDADE EM CONDOMÍNIOS VERTICAIS DO PROGRAMA “MINHA CASA, MINHA VIDA” EM CURITIBA-PR: UMA AVALIAÇÃO DA PÓS-OCUPAÇÃO A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE FAMÍLIAS BENEFICIÁRIAS	
Viviane Vidal Pereira dos Santos Maria Tarcisa Silva Bega	
DOI 10.22533/at.ed.269192506321	

CAPÍTULO 22 281

VALORIZAÇÃO DOS SERVIDORES E REFORMA PREVIDENCIÁRIA NA GESTÃO LULA: DOIS LADOS DE UM MESMO GOVERNO

Ninótica Rosa Vieira de Andrade
Dayane Gomes da Silva Rodrigues

DOI 10.22533/at.ed.269192506322

SOBRE O ORGANIZADOR..... 293

COMIDAS MIGRANTES: ANÁLISES INICIAIS A PARTIR DA FEIRINHA DA JK EM FOZ DO IGUAÇU-PR

Fátima Regina Cividini

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE.

Email: cividinifatima@hotmail.com

Paola Stefanutti

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE.

Email: p_stefanutti@hotmail.com

Valdir Gregory

Professor do Programa de Pós-Graduação de Sociedade, Cultura e Fronteiras – UNIOESTE.

Email: valdirmacgregory@gmail.com

RESUMO: Pessoas e comidas migram. Em uma região de fronteira esses fenômenos se ressignificam e podem alcançar outras dimensões e percepções. Objetiva-se neste trabalho, discutir alimentação e migração a partir da Feirinha da JK em Foz do Iguaçu - cidade fronteira na região entre Brasil, Paraguai e Argentina. A Feirinha mais antiga da cidade é palco de um rico entroncamento em que inúmeras etnias se encontram e desencontram do lado de lá e do lado de cá das bancas. Verifica-se bancas de migrantes vendendo suas próprias comidas, com marcações identitárias bem estabelecidas. Bancas de chineses, árabes, japoneses, taiwaneses, pernambucanos, mineiros e gaúchos atendem a uma demanda de clientes de suas próprias etnias e de outras

que circulam pela Feira como paraguaios, argentinos, além de turistas estrangeiros e nacionais e os próprios moradores da cidade. A imagem multiétnica da cidade encontra nesta feira um cenário particular, entre sabores, aromas, texturas e linguagens. O procedimento metodológico adotado neste trabalho é a análise desta Feira como espaço de migrantes e comidas, e de comidas migrantes, além de revisão bibliográfica. Discutir alimentação e migração não se trata apenas de analisar o alimento em si, mas as relações simbólicas e de poder que envolvem as escolhas alimentares, seja por resistência identitária, seja como forma de adaptação à nova realidade, podendo a alimentação ser peça fundamental de identificação dos migrantes relativo às suas origens e a disposição na negociação com a nova cultura. Comidas velhas e comidas novas se entrelaçam em um universo particular de territórios velhos e territórios novos, onde o cotidiano se torna exceção e a exceção se torna cotidiana. Espera-se com este estudo fomentar a feira, este espaço do cotidiano, como um local de confluência de fenômenos sociais como a alimentação e a migração.

PALAVRAS-CHAVE: migração, identidade, alimentação, feira

INTRODUÇÃO

A migração assim como a alimentação são fenômenos sociais que acompanham a história da humanidade e permeiam o cotidiano dos indivíduos, ultrapassando as dimensões de tempo e espaço. O ir e vir envolve comer alimentos de lá ou daqui. São negociações entre panelas, ingredientes, aromas, memórias e identidades. O migrante compra, prepara, come e pode até praticar a venda.

Em desdobramentos de pesquisas maiores, verificou-se um cenário em que esses dois temas se encontram e desencontram de um modo ímpar: a Feirinha da JK em Foz do Iguaçu. Assim, objetiva-se neste trabalho, discutir alimentação e migração a partir desta feira.

O município em questão, está situado no oeste do Estado do Paraná e faz fronteira com as cidades de Ciudad del Este (Paraguai - PY) e Puerto Iguazú (Argentina - AR), sendo chamada assim de Tríplice Fronteira. O trânsito entre as cidades é feito através de duas pontes: Ponte da Amizade (PY) e Ponte da Fraternidade (AR).

O crescimento e desenvolvimento deste município está intimamente ligado aos movimentos migratórios, como destaca Soares (2017). Esta região fronteiriça desperta atenção por sua histórica receptividade aos diversos imigrantes, como: os eurobrasileiros que chegaram no período da Marcha para o Oeste; brasileiros oriundos dos mais diversos estados atraídos durante a construção da Usina de Itaipu; estrangeiros de inúmeros países que vieram para trabalhar em Ciudad del Este (STEFANUTTI; WELTER; GREGORY, 2019, no prelo).

Pode-se destacar ainda uma migração mais recentemente como a dos alunos estrangeiros da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA e dos alunos brasileiros que vem para a cidade para cursar Medicina no Paraguai, entretanto, que permanecem residindo no Brasil. Junta-se a este cenário, múltiplo em sua essência, a expressiva quantidade de turistas recebida anualmente, que ultrapassou 1,5 milhão de visitantes em 2014.

Neste cenário migrante em sua essência, porque não discutir a alimentação através de uma Feira? Porque não partir do local onde se escolhe e compra os ingredientes; onde normalmente prova-se, degusta-se e come-se; onde as conversas por vezes giram em torno do assunto alimentação: como preparar melhor aquele produto, com qual tempero combina mais, como armazená-lo da melhor maneira, quanto tempo dura, e por aí a conversa estende-se até onde ambos, feirante e cliente podem e querem. Aliás, inclui-se também até onde a linguagem permite, pois como verifica-se a seguir a língua portuguesa não é a única falada e ouvida entre as bancas.

A Feirinha da JK, oficialmente denominada de Feira Antiquarium, ocorre aos domingos pela manhã na terceira pista da Avenida Juscelino Kubitschek em Foz do Iguaçu. Neste trabalho utiliza-se o nome Feirinha da JK, pois é assim que é conhecida por seus frequentadores. Entre uma íngreme subida e descida e uma parte parcialmente plana da avenida, ocorre a feira.

A Feirinha mais antiga da cidade, com início em 1986, é palco de um rico entroncamento em que inúmeras etnias se encontram e desencontram do lado de lá e do lado de cá das bancas. Chineses, árabes, japoneses, taiwaneses, pernambucanos, mineiros e gaúchos atendem a uma demanda de clientes de suas próprias etnias e de outras que circulam pela Feira como paraguaios, argentinos, além de turistas estrangeiros e nacionais e os próprios moradores de Foz do Iguaçu. A imagem multiétnica da cidade encontra nesta feira um cenário particular, entre sabores, aromas, texturas e linguagens.

O procedimento metodológico adotado neste trabalho é a análise desta Feira como espaço de migrantes e comidas, e de comidas migrantes, além de revisão bibliográfica.

Discutir alimentação e migração não se trata apenas de analisar o alimento em si, mas as relações simbólicas e de poder que envolvem as escolhas alimentares, seja por resistência identitária, seja como forma de adaptação à nova realidade, podendo a alimentação ser peça fundamental de identificação dos migrantes relativo às suas origens e a disposição na negociação com a nova cultura. Comidas velhas e comidas novas se entrelaçam em um universo particular de territórios velhos e territórios novos, onde o cotidiano se torna exceção e a exceção se torna cotidiana.

Espera-se com este estudo fomentar a feira, este espaço do cotidiano, como um local de confluência de fenômenos sociais como a alimentação e a migração.

REFLEXÕES SOBRE MIGRAÇÃO

Desde os primórdios da humanidade, o homem é um ser migrante, seja por procura de alimentos ou para fugir de climas extremos, sempre buscando a sua sobrevivência. Com a agricultura e a formação das primeiras civilizações, entretanto, as características e as carências da migração humana se transformaram, transcendendo as necessidades básicas, tornando-se social, cultural e econômica.

Baeninger (2016) aponta que a história da formação do povo brasileiro é marcado por várias ondas migratórias, inseridos em diferentes momentos da economia e segundo o IBGE (2000, p.13) “[...] o Brasil foi capaz de absorver inúmeras nacionalidades e culturas ao longo de sua história”. Por causa disto, o Brasil costuma ser considerado um país multiétnico.

Sobre o fenômeno da imigração no Brasil, Baeninger (2016, p.15) analisa que: “O cenário da globalização encurta distâncias, redefine localizações e cria blocos econômicos, assim o país assiste a entrada de coreanos, asiáticos, latino-americanos [...]”, imigrantes que não viam o Brasil como um destino anteriormente.

As migrações trazem diferentes culturas, tradições e práticas para espaços já ocupados por outras comunidades, o que acaba por transformar ambas, quem chega e quem já estava. Esse fenômeno para Arriaga-Rodriguez (2014) representa a própria

sociedade. Gonçalves (2002) e Max Weber (*apud* GIDDENS, 2005), entretanto, analisam a sociedade como um modo próprio de estar junto, interagindo de múltiplas maneiras com indivíduos em um determinado meio, assumindo assim uma identidade própria e reificada, como se de uma unidade ativa com uma consciência própria se tratasse.

Deste modo, Baeninger (2016) e Sayad (1991) descrevem que as migrações tornam-se parte de um mesmo processo social, econômico e cultural no local de chegada e partida e o imigrante compõe-se em um ser que emerge a partir do momento que atravessa a fronteira ao pisar em território estrangeiro.

Na sociedade moderna com o advento do capitalismo e a divisão social do trabalho, o homem busca no processo migratório principalmente melhores oportunidades de trabalho e renda no novo destino. Esta narrativa é evidenciada nos estudos de Gregory (2002, p.9), na qual a “utopia”, a dicotomia do desejo e repulsa entre seu local atual e o de destino, o vislumbre da possibilidade da construção de vida em um novo espaço com expectativas melhores do que a realidade vivida atualmente são revelados como justificativa para o desejo de migrar.

Porém há outros motivos - além dos supracitados - como estudos, guerra, qualidade de vida, sendo que cada um em sua particularidade e em suas relações sociais interpretam e se adaptam de maneiras distintas a nova realidade, pois entende-se que a migração vai além do ato de deslocar-se (CIVIDINI; STEFANUTTI; GREGORY, 2017).

Contudo, tornar-se imigrante traz desafios. De acordo com Sayad (1991) o imigrante é visto na qualidade de sujeito passageiro, de permanência instável, provisório, não possuindo o mesmo *status* de membro da sociedade na qual ele está inserido. Consequentemente nega-se ao imigrante todo o direito a uma presença reconhecida como permanente, apenas tolerada em si mesma. Portanto, Ferreira (1999) argumenta que o sujeito só permanece no país estrangeiro e possui sua razão de sê-lo pelo trabalho e no trabalho diante dos seguintes questionamentos: porque, prazo de permanência, objetivos e lugar onde se precisa dele.

Com reflexões semelhantes, Calvino (1994), acrescenta que o olhar humano pode ser diferenciado de acordo com a construção de seu pensamento durante toda a vida: podendo propagar preconceitos ou cair na condição de rebaixar o outro ser humano a condição de objeto. A sociedade que o acolhe, dependendo de como foram construídos os pensamentos, pode ter um olhar negativo sobre o imigrante, como uma ameaça, um sujeito intruso e que não merece o mesmo *status* do sujeito nativo daquela sociedade.

Ao chegar no seu local de destino, o imigrado percebe que a nova sociedade contém características sociais, culturais e hábitos de vida diferentes dos seus. Wanda Horta (1979, p.28) nos explica que: “O ser humano é parte integrante do universo dinâmico, e como tal sujeito a todas as leis que o regem, no tempo e no espaço”, ou seja, o homem influencia e é influenciado de forma constante o meio que o cerca e

a sociedade onde está inserido. Nesta transição de ir e vir, partir e chegar, a ação do reforço de identidades se torna é habitual, o distanciamento é necessário.

Segundo Roberto Oliveira (2006) a identidade étnica agrupa, agrega, unifica - apesar das diferenças inerentes ao processo de construção e organização social - apresentando variações culturais internas à etnia. Já Woodward (2000, p.14, grifo da autora) diz que: “A identidade é, na verdade, relacional, e a diferença é estabelecida por uma *marcação simbólica* relativamente a outras identidades”.

Regina Weber (2006, p.238) analisa que ao dizer que a identidade étnica é construída, é uma outra forma de dizer que ela é resultado de processo histórico, definição que se contrapõe à ideia de primordial. Assim a identidade está ligada a questão cultural. Ainda segundo a autora: “Os grupos sociais, assim como os indivíduos, têm direito de formular suas próprias identidades nos termos que lhes parecerem oportunos”.

De maneira geral, a cultura resultante da produção humana é um processo social, pois o homem é dependente de si mesmo e de outros a sua volta, e todas as transformações são feitas coletivamente. Com esta construção da coletividade, surgem as relações de trabalho entre as tribos humanas, que compõem a base econômica da sociedade. Ou seja, a base econômica que define os vários aspectos que existem em uma sociedade, e a transforma (CIVIDINI; GOMES, 2017).

Segue-se com um dos fenômenos que podem ser analisados no contexto migratório que é a alimentação, comidas migrantes em uma Feira, envolto de questões culturais e de identidades.

FEIRINHA DA JK E AS COMIDAS MIGRANTES

A Feirinha da JK, que é gerida pela Fundação Cultural com responsabilidade compartilhada com a Prefeitura de Foz do Iguaçu, atualmente conta com aproximadamente duzentos expositores (FUNDAÇÃO CULTURAL, 2018). A feira nasce em 26 de abril de 1986 com o nome “Feira livre do produtor”, e depois de várias alterações de nomes e de locais, ocorre no atual espaço desde 2005.

O Inventário Técnico de Estatísticas Turísticas (2014, p.57) descreve que a Feira possui além dos atrativos gastronômicos, a venda de artesanato, antiguidades, objetos de colecionadores e troca, compra e venda de produtos diversos. A feira agrega artesãos, artistas, músicos, além dos feirantes.

Assim como acontece em uma feira livre, os feirantes devem montar e desmontar as bancas todos os domingos. Essa feira possui outros tipos de comércios como artesanatos, objetos decorativos, que não serão analisados neste estudo. Os produtos alimentares encontrados podem ser separados em três categorias: *in natura*, manufaturados e prontos para consumo, sendo que esta última classe leva o contemporâneo nome de *street food*. Assim, por trás das bancas existem feirantes-produtores e feirantes-intermediários, isto é, que fazem a ligação entre produtor e

consumidor final.

As bancas com produtos *in natura* são a minoria e oferecem produtos como frutas, verduras, folhas, ervas aromáticas e medicinais, leitão, frango, peixe, entre outros. Já dos produtos manufaturados pode-se citar queijos, embutidos, geleias, pães, bolachas, entre outros. E dos produtos prontos para consumo cita-se os tradicionais “pastéis de feira” com caldo de cana, tapiocas nordestinas, açaí paraense, empanadas argentinas, crepe francês e água de coco aberto na hora.

Mas são nos *street food* que este capítulo se detém, pois verifica-se particularidades étnicas como: uma barraca árabe, com esfirra de carne, batata e chicória, com falafel, kibe frito recheado com coalhada cujos produtos são vendidos por uma mãe árabe usando lenço - hijab - juntamente com sua filha, que não utiliza este acessório identitário; uma barraca de Taiwan¹ com o famoso *bubble tea*, além da Tortinha de Taiwan (assim denominada pelos proprietários da banca) feita com tacho específico importado da região, que possui recheio de feijão doce, creme, amendoim, queijo ou milho. A família que compõe a barraca é formada por pai, mãe e filhas taiwaneses; uma barraca de Hong Kong com um casal de lá, com yakisoba, pão chinês cozido, guioza, e outros produtos; e uma barraca japonesa com um casal de japoneses que vendem o tradicional Takoyaki, bolinho frito japonês recheado com camarão, lula ou carne, acompanhados de chá verde ou chá de hibisco.

Nessa linha de bancas “étnicas” pode-se mencionar barracas de produtos manufaturados como uma banca intitulada italiana com lasanhas, tortei, ravioli, tortellini, capeleti, rondelli, canelone e sofioiti; uma barraca com produtos argentinos como doce de leite, azeite, conservas, mas com comerciante brasileiro; barraca de produtos pernambucanos: manteiga de garrafa, queijo coalho, bolo de rolo, linguiça de bode e até buchada de bode sob encomenda ao casal pernambucano; uma barraca mineira com doces, requeijão de corte, queijos de Minas com um jovem casal mineiro; uma barraca gaúcha com salame, linguiçinha e pão de milho com um casal de gaúchos; uma barraca mais afastada com acarajé e seus tradicionais acompanhamentos: vatapá, caruru e camarão seco, servidos por uma baiana com suas vestimentas brancas simbólicas acompanhada de seu filho. A barraca estava mais distante, pois os feirantes reclamaram do cheiro do óleo de dendê. A comida e os sentidos também separam. Observaram-se produtos, pessoas e identidades.

Verifica-se, portanto, bancas de migrantes vendendo suas próprias comidas, com marcações identitárias bem estabelecidas. Essas marcações e suas etnias são evidenciadas através de *banners* ou cartazes de identificação na frente das bancas reforçando a etnia ali presente, não é uma suposição dos observadores, são fatos. A venda da comida “étnica” reforça a relação entre o imigrante e o trabalho, na medida de que ele cria seu posto de trabalho usando sua comida de origem e colhe dali -

¹ Taiwan pertence - em termos jurídicos - à República Popular da China, não tendo declarado oficialmente sua independência até o momento. Entretanto, para este estudo, faremos diferenciação entre chineses e taiwaneses, levando em consideração os aspectos culturais e identitários.

parcial ou totalmente - sua fonte de renda.

A comida pode ser considerada um fator identitário, um demarcar de fronteiras entre o Eu e o Outro. Rocha *et al* (2013) evidenciam a alimentação em sua dimensão simbólica, como um item essencial de identificação dos migrantes com sua cultura de origem e, ao mesmo tempo, da negociação com a cultura inserida. Nestas abordagens a comida pode ser o elo e/ou a fronteira entre o novo e o velho. Seja por resistência identitária, seja como forma de adaptação à nova realidade, podendo a alimentação ser peça fundamental de identificação dos migrantes relativos às suas origens e a disposição na negociação com a nova cultura.

Os migrantes e suas comidas “tradicionais” são vestígios a serem esmiuçados. Como destaca o antropólogo italiano Ernesto di Renzo (2015), a variedade dos alimentos que se decide comer ou de não comer, em um contexto diásporo pode servir para despertar recordações de experiências precedentes de quem sente nostalgia; ou para distanciar do que se percebe como superado e necessita de mudança; ou ainda para evidenciar em um sentido promocional a própria mudança de *status* existencial. Deve-se ressaltar que são selecionados alguns pratos ou bebidas para representar o país. Existem negociações prévias nas escolhas dos próprios produtos oferecidos.

Além dos feirantes, do lado de cá das bancas também é visível essa diversificação étnica, com paraguaios, argentinos, japoneses, chineses, árabes (termo abrangente, porém necessário ao não ser possível identificar qual o país específico), turistas estrangeiros e nacionais e moradores da cidade que se encontram e desencontram no corredor central da Feirinha.

As bancas mencionadas anteriormente, incluindo as nacionais, como a pernambucana, gaúcha e mineira atendem a uma demanda de clientes de suas próprias etnias e de outras que circulam pela Feira. Um exemplo disso pode ser visto na dissertação de Yu (2018) cujo objetivo era discutir a presença de línguas chinesas e a integração de chineses em diversos espaços sociais de Foz do Iguaçu. Um dos locais escolhidos foi a Feirinha da JK por conter duas barracas de origem chinesas, como já mencionado – Hong Kong e Taiwan – e por ser um local de circulação de chineses e descendentes. A autora destaca a Feirinha como um espaço de agregação e interação.

Vale ressaltar que a língua pode ser um elemento de agregação entre etnias que se encontram e dividem a mesma linguagem, porém também de separação. Como constatados na banca de Hong Kong e Japonesa o casal de proprietários de ambas não dominam o idioma português, apenas o necessário para vender, como o nome dos próprios produtos. As duas bancas constam com ajudantes brasileiros para facilitar a venda dos produtos. Porém quem faz, quem produz são os proprietários. Registra-se o domínio da técnica, da prática, de conhecimentos entre Yakisobas e Takoyakis. Já na banca de Taiwan observa-se que marido e mulher não falam português, ficando a comunicação e venda com as duas filhas, que falam o idioma. A mãe faz as Tortinhas, enquanto uma das filhas serve o chá, a outra fica no caixa, enquanto o pai observa no

fundo da banca a movimentação e auxilia a quem for necessário.

No livro *Cozinha dos Imigrantes: Memórias & Receitas*, as autoras destacam que a memória culinária, como elas denominam, é uma das mais persistentes, como pode ser comprovado através da importância nos relatos de imigrantes sobre a lembrança dos pratos feitos pelos antepassados. Ainda afirmam que estes imigrantes são obrigados a adaptar-se às novas relações sociais, costumes e novos hábitos alimentares. As autoras reiteram que o desejo de conservar a tradição aflora da necessidade de manter uma identidade em terra estrangeira, que se torna mais autêntica do que no país de origem (HECK; BELLUZZO, 1998).

Entretanto, as bancas “étnicas” não atendem somente seus conterrâneos, mas também aos clientes de outras etnias, pois como reforça Renzo (2015) a comida não implica compromissos com outros ou com outra cultura, pois o sujeito não necessita falar italiano para apreciar o spaguetti ou o árabe para degustar um kibe. A cozinha não exige uma adesão a cultura de quem cozinha, enquanto ao contrário ler um livro ou assistir um filme em outra língua. A comida agrega, mas também separa. É união simbólica e um reforçar de fronteiras em um mesmo prato.

Problematizando e consentindo com os antropólogos espanhóis da área da alimentação Jesús Contreras e Mabel Gracia (2011, p.139), afirma-se que as cozinhas refletem as sociedades: “Cada grupo social possui um quadro de referências que guia a escolha de seus alimentos. Algumas dessas referências são compartilhadas com outros grupos, outras são exclusivas”. Porém, essa afirmação não significa que os comportamentos alimentares se mantiveram estáticos e não sofreram alterações em suas sociedades e seus respectivos territórios.

Para quem vive o trânsito, a experiência migratória, as funções que a comida reveste são múltiplas, complexas e polivalentes e se colocam ao interno de uma dimensão simbólica e emotiva constantemente debatida entre passado e presente, tradição e mudança, aflição e expectativa de futuro.

Sobre essas adaptações frente ao novo, pode-se citar o caso da banca árabe que traz no cartaz de exposição dos produtos, a sinalização de que alguns produtos da banca são veganos, como o falafel, a esfiha de chicória e de batata, o *homus*, o *babaghanush* e a pasta de ervilhas. São ajustes frente ao outro, frente a uma demanda existente na feira.

Outra adequação verificada são as denominações de alguns produtos que ora são aportuguesados ora são escritos sem tradução. Exemplos desses são a “Tortinha de Taiwan” que é traduzida e não possui o nome original; na banca de Hong Kong além do Yakisoba, que é o carro-chefe do local, quase todos os itens do cardápio são em português, somente o prato *Siu Lon Pao* não foi traduzido. Pode-se ainda destacar as bebidas fornecidas na banca conforme descrito no cardápio: coca chinesa e café chinês gelado; já na banca japonesa, o prato principal é o takoyaki e não tem tradução, enquanto que as duas bebidas servidas - chá de hibisco e chá verde - estão em português; e na banca árabe tem a indicação entre parênteses do que é “homus (grão

de bico)” e “babaghanush (berinjela)”, porém “falafel” está sem explicação.

Na banca com produtos italianos a maioria dos nomes estava em língua italiana como ravioli, tortei, tortellini, capeleti, rondelli, canelone e sofiotti, o único produto aportuguesado era lasanha. Nas bancas fica evidente essa mescla e negociação entre traduzir alguns nomes e reforçar outros, mesmo que estrangeiro, e que alguns nomes são do cotidiano do brasileiro, enquanto outros, precisam ser traduzidos para uma melhor compreensão e venda do produto.

Em recente artigo, Welter e Ruiz (2018, p.7) problematizam a Feirinha da JK como patrimônio cultural do município, e ao questionarem aos feirantes se a Feirinha da JK representava a história e a cultura de Foz do Iguaçu registraram vários discursos que reafirmam a diversidade cultural da feira e que o município representa justamente esta diversidade: “eu acho que representa a cultura da cidade sim, porque você vê um chinês ali, um árabe aqui, um imigrante também e Foz do Iguaçu é esta mistura”. A imagem de uma Foz do Iguaçu multiétnica se apresenta ali, entre essas bancas, sem querer, por querer.

Todavia, vale mencionar que Nara Oliveira (2012) ressalta que é inegável que a diversidade cultural seja um importante traço identitário do município, porém, esse bordão acabou se transformando em algo trivial, superficial e de análise simplista. A autora complementa que a ideia de que inúmeras culturas convivam em paz oferece: “[...] à população a ideia de que se trata de um fato consolidado, dificultando a percepção de que este é um cenário em permanente construção” (OLIVEIRA, 2012, p.51). Portanto, essa multiculturalidade ocorre nas relações e práticas do cotidiano, não é fixa, é flexível e está em constante negociação.

De uma maneira ou de outra, uma parte desta multietnicidade está presente entre essas bancas, nesses ingredientes, aromas, cores e sabores. Observa-se a Feirinha da JK como hibridismo alimentar deste território. Não como fusão, mas como possibilidades e adaptações. Não há fusão, há fragmentos que lutam em negociações de poder.

Podemos dizer então que os comensais comem cultura, pois comer não é um ato neutro, assim como a comida também não o é, uma vez que a escolha dos comensais vem carregada de significados e de simbologias culturais. Então cabe dizer que a comida é culturalizada, afinal comemos comida, comemos cultura, comemos momentos, comemos pessoas, comemos memórias e comemos territórios (STEFANUTTI, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As motivações humanas para a migração, independentemente de quais sejam, traz transformações na sociedade de acolhida e no indivíduo que migra. Entretanto, o cruzamento de diferentes identidades pode causar estranhamentos e choques culturais. Assim, o migrante se vê em um outro espaço com culturas, identidades e

hábitos alimentares divergentes dos seus.

Além de pertences pessoais, o imigrante chega no país de destino trazendo bagagem cultural, incluindo o tipo de alimento, hábitos alimentares e restrições específicas. Entre idas e vindas, partidas e chegadas, territórios e comidas em trânsito possuem outras dimensões simbólicas envoltos de memórias, identidades, saberes e sabores.

A comida vai além das experiências gustativas, sensoriais e nutricionais vividas pelos indivíduos, sendo parte de uma identidade, cultura inserida dentro de um contexto socioeconômico das diversas fronteiras - geográficas ou não - transitadas pelos migrantes, sendo aceita ou não pelas circunstâncias nas quais é consumida.

Olhando para as movimentações humanas, o “nativo” e o “migrante” se deparam frente à frente e as relações dentro deste universo se unem, se afastam e são negociadas entre novos e velhos saberes, hábitos e sabores.

Para compreender os aspectos que transcendem o ato de comer e migrar - e suas conexões interdisciplinares - torna-se essencial conhecer e reconhecer estudos que incluem o universo simbólico da maneira que a comida é representada: um ato de resistência de manutenção da identidade de origem ou do hibridismo à nova sociedade quando há adequações, alterações de ingredientes e manipulação para os métodos utilizados pela sociedade de acolhida.

Todavia, percebe-se que esta adaptação pode ocorrer pelo desejo do migrante em experimentar novos sabores ou algo necessário para sua inclusão e aceitação ao novo corpo social. A procura por mercados que ofereçam produtos “típicos” da região de origem traduz esta adaptação, pois ao mesmo tempo que fornece meios para perpetuar a cultura original, cria espaços para outros explorarem novos sabores e incorporarem hábitos imigrados.

Na Feirinha da JK há várias culturas nacionais e regionais compostas de imigrantes e migrantes que fazem deste um espaço multicultural. Acrescenta-se que essa multiculturalidade não é constituída apenas pelos feirantes, mas também por quem circula nesse espaço. Não é uma imposição de culturas, é um negociar constante de banca em banca, de sabor em sabor, de aroma em aroma, de comida em comida.

Vê-se a Feirinha como local de vestígios alimentares, da própria alimentação do território, pois ela retrata etnias de Foz do Iguaçu e a gastronomia encontrada neste território, em uma esfera comercial e doméstica. A Feirinha é um local a ser visitado, vivenciado, comido e ruminado.

REFERÊNCIAS

ARRIAGA-RODRIGUEZ, Juan Carlos. La concepción de las fronteras y los límites territoriales em el pensamiento geográfico de Jean Gottmann. *In*: CARDIN, Eric Gustavo; COLOGNESE, Silvio Antônio. **As ciências sociais nas fronteiras: teorias e metodologias de pesquisa**. Cascavel: JB, 2014

BAENINGER, Rosana. Migração Transnacional: elementos teóricos para o debate. In: BAENINGER, Rosana et al. (orgs) **Imigração Haitiana no Brasil**. Jundiaí: Paco, 2016.

CALVINO, Ítalo. **Palomar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CIVIDINI, Fátima Regina; GOMES, Marcelo. A construção do conhecimento sob a ótica da interdisciplinaridade e totalidade. **Rev Contribuciones a las Ciencias Sociales**. out-dez 2017. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/2017/04/construcao-conhecimento-totalidade.html>> Acesso em: 18 fev. 2019

CIVIDINI, Fátima Regina; STEFANUTTI, Paola; GREGORY, Valdir. Alimentação e migração: discussões e reflexões teóricas. Anais: **IX Encontro Internacional de Letras - IX ELetras III Simpósio Transculturalidade, Linguagem e Educação**. Foz do Iguaçu: UNIOESTE, 2017. v. 1. p. 1000-1011.

CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Tradução: Mayra Fonseca e Barba Atie Guidalli. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

FERREIRA, Ademir Pacelli. **O migrante na rede do outro**. Rio de Janeiro: Te Corá, 1999.

FOZ DO IGUAÇU. **Inventário Técnico de Estatísticas Turísticas**. Secretaria Municipal de Turismo. Foz do Iguaçu: SMTU, 2014.

FUNDAÇÃO CULTURAL. Lista de Eventos. Disponível em: <<http://culturafoz.pmfj.pr.gov.br/?chronosly=feirinha-da-independencia>>. Acesso em 13 set. 2018.

GIDDENS, Anthony. **Capitalismo e Moderna Teoria Social**. Barcarena: Editorial Presença, 2005.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. Da geografia às geo-grafias: um mundo em busca de novas territorialidades. In: CECEÑA, Ana Esther; Sader, Emir. **La Guerra Infinita: hegemonia y terror mundial**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2002.

GREGORY, Valdir. **Os Eurobrasileiros e o Espaço Colonial: migrações no oeste do Paraná (1940-70)**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.

HECK, Marina; BELLUZZO, Rosa. **Cozinha dos Imigrantes: Memórias & Receitas**. São Paulo: Editora DBA, 1998.

HORTA, Wanda de Aguiar. **Processo de Enfermagem**. São Paulo: EPU, 1979.

INSTITUTO NACIONAL DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Brasil: 500 anos de descobrimento**. Rio de Janeiro: IBGE, 2000.

OLIVEIRA, Nara Regina Olmedo de. **Foz do Iguaçu intercultural: cotidiano e narrativas da alteridade** [dissertação]. Foz do Iguaçu: Universidade Estadual do Oeste do Paraná; 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **Caminhos da identidade: Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: UNESP, 2006.

RENZO, Ernesto di. Immigrazione e interculturalità alimentare: alcune esperienze scolastiche, in: **IV Rapporto Immigrazione Caritas e Migrantes**. Migranti, attori di sviluppo, 2015. Todi (Perugia): TAU EDITRICE.

ROCHA, Carla Pires Vieira da; RIAL, Carmen Silvia; HELLEBRANDT, Luceni. Alimentação, globalização e interculturalidade a partir do contexto migratório. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, 2013, v.14, n.105, p.187-199, ago/dez 2013.

Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5007/1984-8951.2013v14n105p187>>. Acesso em: 04 set. 2017.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: EDUSP, 1991.

SOARES, Jéssica Aparecida. **A saúde pública na tríplice fronteira**: estrutura de atendimento e estratégias de usuários fronteiriços para acesso à saúde. 2017. 160 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) –Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Foz do Iguaçu, 2017.

STEFANUTTI, Paola; GREGORY, Valdir. **Do couvert ao café...pescadores, memórias e comidas**. Curitiba: Editora IFPR, 2018.

STEFANUTTI, Paola; WELTER, Viviane da Silva; GREGORY, Valdir. Turismo gastronômico e controle aduaneiro na fronteira entre Brasil e Argentina. *Tourism and Hospitality International Journal*. 2019. No prelo.

WEBER, Regina. Imigração e identidade étnica: temáticas historiográficas e conceituações. **Dimensões**. Vitória, v. 18, 2006. Disponível em: <<http://www.publicacoes.ufes.br/dimensoes/article/viewFile/2446/1942>> Acesso em: 20 set. 2017.

WELTER, Viviane da Silva; RUIZ, Melissa. **Ativação de um patrimônio cultural e suas relações de poder**: Um olhar a partir da Feirinha da JK em Foz do Iguaçu. Apresentação no Seminário Internacional sobre Preservação do Patrimônio Cultural no Território Trinacional, Foz do Iguaçu, PR, Brasil, 2018.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.); HALL, Stuart; Woodward, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

YU, Michele Siu Mui. **Presença das línguas chinesas e integração de chineses em diversos espaços sociais de Foz do Iguaçu – PR**: um estudo interdisciplinar. [dissertação]. Foz do Iguaçu: Universidade Estadual do Oeste do Paraná; 2018.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-426-9



9 788572 474269